



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 20/08/2021 a 26/08/2021

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

ENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
20/08/2021	12,93	353,30	57,49	7,14	5,38
23/08/2021	12,94	346,60	59,25	7,19	5,38
24/08/2021	13,37	354,90	61,09	7,18	5,44
25/08/2021	13,46	352,30	61,89	7,11	5,51
26/08/2021	13,67	356,50	61,33	7,25	5,52
Média	13,27	352,72	60,21	7,17	5,45

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	
RS – Panambi	158,00	
RS – Não Me Toque	158,00	
RS – Londrina	157,00	
PR – Cascavel	157,00	
MT – C.N.Parecis	164,00	
MS – Maracaju	161,00	
GO - Rio Verde	161,00	
BA – L.E.Magalhães	161,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	90,00	CIF
Porto de Paranaguá	83,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	90,00	
SC – Rio do Sul	93,00	
PR – Cascavel	92,00	
PR – Londrina	90,00	
MT – C.N.Parecis	81,00	
MS – Maracaju	88,00	
SP – Itapetininga	95,00	
SP – Campinas	99,00	CIF
GO – Rio Verde	87,00	
GO – Jataí	87,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	81,00	
RS – Não Me Toque	82,00	
PR – Londrina	87,00	
PR – Cascavel	95,00	

Período: 25/08/2021

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da Notícias Agrícolas.

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 26/08/2021**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	90,36	160,87	82,22

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
26/08/2021**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	76,90
Feijão (saco 60 Kg)	257,19
Sorgo (saco 60 Kg)	64,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,14
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,23**
Boi gordo (Kg vivo)*	10,64

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Julho/21 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, para o primeiro mês, em Chicago, após recuarem abaixo dos US\$ 13,00/bushel durante a semana, algo que não era visto desde o dia 20/04 do corrente ano, se recuperaram e acabaram fechando a quinta-feira (26) em US\$ 13,67/bushel, contra US\$ 13,23 uma semana antes. Vale alertar que o segundo mês cotado ficou em US\$ 13,26/bushel.

O recuo ocorrido se deveu à forte queda nos preços do óleo de soja em Chicago, com a libra-peso perdendo 5,1% entre os dias 19 e 20 de agosto. Por outro lado, o clima continua sendo uma preocupação importante. Neste último caso, no relatório do dia 23/08 o USDA informou que as condições das lavouras estadunidenses de soja pioraram, com as boas a excelentes caindo para 56% do total, contra 69% um ano atrás. Outras 28% estavam regulares e 16% entre ruins a péssimas. Por sua vez, 88% das lavouras estavam com formação de vagens, contra 87% na média histórica.

Por sua vez, a China efetivamente altera seu comportamento importador, dando preferência, agora, ao produto dos EUA, prestes a ser colhido. Em julho os chineses compraram 7,9 milhões de toneladas de soja do Brasil, com um recuo de 3,7% sobre o mesmo mês do ano anterior. No mês de julho as compras chinesas de soja, de todas as origens, somaram 8,67 milhões de toneladas, com uma queda de 14,1% sobre o ano anterior. O problema das margens de esmagamento muito ruins junto às trituradoras da China foi o elemento central desta realidade. Muito disso está no fato de que as margens na produção de suínos caíram para o terreno negativo, com a queda nos preços dos suínos, fato que freou o consumo de farelo de soja. Em relação às compras de soja dos EUA, em julho houve aumento da demanda chinesa da ordem de 10,3%, porém, o volume total é bastante baixo, ficando em 42.277 toneladas naquele mês. Espera-se que as importações de soja pela China diminuam nos próximos meses do ano, à medida que as margens em queda dos suínos e um aumento no uso de trigo na ração continuem a restringir a demanda por farelo de soja. Por sua vez, o rebanho de porcas criadeiras da China, que vinha crescendo há 21 meses, caiu pela primeira vez em julho, em relação ao mês anterior, depois de um recuo nos preços dos suínos que levou muitos criadores a abater animais menos produtivos.

Em relação ao recuo nos preços do óleo de soja em Chicago, o motivo esteve ligado a boatos de que a Agência de Proteção Ambiental dos EUA deverá recomendar ao governo federal uma redução do programa de combustíveis naquele país. O governo Biden estaria sofrendo forte pressão para reduzir os biocombustíveis. Caso ele ceda à esta pressão, o uso de grãos para fins industriais, em particular a soja, seria reduzido substancialmente. Nos últimos cinco anos o uso de óleo de soja na indústria estadunidense cresceu mais de 85%, chegando hoje a 5,22 milhões de toneladas. A redução dos mandatórios no uso de óleos vegetais desobrigaria as refinarias a misturar certa quantidade de biocombustíveis ao diesel oriundo do petróleo ou do xisto. Como não houve confirmação do governo quanto a esta redução, durante esta semana as cotações do óleo se recuperaram, voltando aos patamares acima de 60 centavos de dólar por libra-peso.

Em paralelo, no mercado brasileiro, os preços, puxados pelo câmbio, que oscilou entre R\$ 5,20 e R\$ 5,40 durante a semana, melhoraram um pouco mais. A média gaúcha

fechou a corrente semana em R\$ 160,87/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços oscilaram entre R\$ 157,00 e R\$ 164,00/saco.

Muitos operadores estão segurando o produto que resta na expectativa de novos aumentos de preços, particularmente no último trimestre.

Esta é uma estratégia que, para ter sucesso, dependerá do clima nos EUA e do câmbio no Brasil, o qual está ligado as tensões políticas crescentes provocadas especialmente pelo Presidente da República.

Dito isso, em termos de exportações, o Brasil havia exportado praticamente 5 milhões de toneladas no acumulado dos primeiros 15 dias úteis de agosto, fato que permite esperar vendas totais ao redor de 6 milhões de toneladas. Em 2020, o total embarcado foi de 5,84 milhões de toneladas. Ocorre que o valor da tonelada no corrente ano é 36,4% superior ao do ano passado, se estabelecendo em US\$ 482,20/tonelada.

O fato é que cada vez mais, neste restante do ano, haverá concorrência entre o mercado interno e o externo pela soja brasileira que resta nos estoques, já que a demanda interna é forte, inclusive junto aos derivados.

Na prática o mercado continuará extremamente volátil, pelo menos até se definir a colheita estadunidense, no final de outubro. E no Brasil, os preços igualmente continuarão oscilando muito, especialmente em função do câmbio.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago não oscilaram muito em relação a semana anterior, fechando esta quinta-feira (26) em US\$ 5,52/bushel, contra US\$ 5,50 na semana anterior.

As condições das lavouras de milho nos EUA igualmente pioraram. No dia 22/08 as mesmas atingiam a 60% entre boas a excelentes, contra 64% no ano anterior na mesma época. Outras 26% estavam regulares e 14% em condições ruins ou péssimas.

Já no mercado brasileiro, os preços se estabilizaram em níveis elevados, com algum viés de baixa nas localidades onde a pressão da colheita da safrinha se faz presente. Os compradores tendem a forçar uma baixa de preços, aproveitando-se da colheita, porém, a forte quebra da safrinha impede grandes recuos. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 90,36/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços oscilaram entre R\$ 87,00 e R\$ 95,00/saco, sendo que o CIF Campinas (SP) recuou para R\$ 99,00/saco.

Em paralelo, o plantio da nova safra de verão no Centro-Sul brasileiro, para o ano 2021/22, iniciou, havendo 4,1% semeado até o dia 19/08, ficando um pouco abaixo do ritmo verificado no ano passado nesta época.

Por sua vez, a colheita da safrinha chegava a 79% da área no início da presente semana, contra 82% no ano anterior.

Em relação ao Paraná, onde se esperava colher 14,6 milhões de toneladas de milho na safrinha, o clima causou estragos importantes, levando a safra final para apenas 6 milhões de toneladas, a qual será a menor da última década.

A principal consequência dessas perdas é que, em vez de vender o cereal excedente para catarinenses e gaúchos ou mesmo para a exportação, o Paraná vai ter que disputar com seus vizinhos espaço na corrida pela compra de milho da Argentina, Paraguai e de outros Estados (Mato Grosso e Goiás, principalmente), fato que eleva os preços do grão para níveis próximos a R\$ 100,00/saco. O aperto na oferta, que é uma realidade brasileira, será importante entre o final de 2021 e o início de 2022. (cf. Notícias Agrícolas)

A situação é tão complexa que há produtores, no Centro-Sul brasileiro, fazendo cálculos a fim de verificar se vale mais a pena produzir soja ou milho neste próximo verão. Muitos, inclusive, estão optando por aumentar a área de milho. Segundo a Ocepar, do Paraná, hoje o preço do milho tem uma relação favorável em relação à soja. Nesse cenário, do ponto vista financeiro, em condições ideais de clima, o cereal é mais rentável do que a oleaginosa.

Neste contexto, o Brasil deverá exportar bem menos milho no corrente ano, com o volume ficando, muito provavelmente, abaixo de 20 milhões de toneladas, contra mais de 40 milhões no ano anterior. Em paralelo, as importações irão crescer para níveis recordes.

Ainda no Paraná, a colheita atingia a 64% da área no início da presente semana, sendo que a qualidade das lavouras atingia apenas 5% em boas condições. O plantio do milho de verão atingia a 1% da área esperada. (cf. Deral)

Já no Mato Grosso, a colheita da safrinha está concluída, sendo que os custos de produção subiram mais um pouco em relação a junho. (cf. Imea) Enquanto isso, no Rio Grande do Sul, a safra de verão de milho deverá ter um aumento de 5% em sua área semeada, podendo atingir a 924.000 hectares, enquanto a área com soja crescerá 2%, para atingir a 6,2 milhões de hectares, segundo a Fecoagro.

Nos demais Estados produtores da safrinha o quadro pouco se modificou em relação a semana anterior, sendo que no Mato Grosso do Sul a colheita atingia a 58% da área total, com apenas 1% das lavouras em boas condições.

Enfim, quanto as exportações, até o final da terceira semana de agosto o Brasil havia embarcado 2,9 milhões de toneladas no mês. Este volume representa um acréscimo de 48,5% sobre julho, porém, abaixo do registrado em agosto do ano passado. Assim, a média diária de embarques fica 33,9% abaixo do registrado em agosto de 2020. (cf. Secex) Segundo a Anec, o Brasil deverá fechar agosto com exportações de milho ao redor de 4 milhões de toneladas.

Pelo lado das importações de milho, a Conab aponta um volume total de 2,3 milhões de toneladas para este ano, enquanto a iniciativa privada indica até 4 milhões.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago, após cederem durante a semana, acabaram reagindo e, no dia 26/08 (quinta-feira), o primeiro mês cotado fechou a sessão em US\$ 7,25/bushel, contra US\$ 7,27 uma semana antes.

O trigo de primavera nos EUA, até o dia 22/08, apontava uma colheita de 77%, contra 55% na média histórica.

O quadro do trigo, apesar da redução na produção estadunidense indicada no relatório de oferta e demanda do USDA, em agosto, está relativamente estável. Mesmo assim, existem motivos para que as cotações se mantenham pressionadas para cima. Dentre eles estão os estoques, que na prática estariam mais baixos do que as estatísticas indicam. Neste sentido, os estoques brasileiros dariam hoje para 27 dias de consumo, enquanto no Egito para apenas um dia. Outro motivo está no maior uso do trigo para ração animal neste ano, diante da disparada dos preços do milho. Além disso, está se usando mais trigo igualmente para a produção de biocombustível. Na China, por exemplo, das 140 milhões de toneladas em estoque, cerca de 40 milhões serão consumidas sob forma de ração animal. Enfim, Rússia e Ucrânia, fortes exportadores, estão restringindo suas vendas externas visando garantir o abastecimento local e, com isso, reduzir a inflação interna, que está elevada.

Dito isso, na Argentina a semeadura de trigo e cevada atingiu o recorde histórico de 8,25 milhões de hectares, enquanto o milho chegou a 9,7 milhões no último plantio e o girassol deverá registrar um aumento de área de 11,8%, atingindo no próximo verão a 1,9 milhão de hectares.

Já no Brasil os preços se mantêm firmes e bastante variáveis. Enquanto no Rio Grande do Sul a média de balcão fechou a semana com R\$ 82,22/saco, no Paraná a mesma girou entre R\$ 87,00 e R\$ 95,00/saco. Os preços mais altos no Paraná se devem também às perdas ocorridas nesta safra. A tendência é de que possa faltar trigo para suprir a demanda local, fato que manterá os preços do produto pressionados, mesmo com a colheita iniciando agora em setembro.

A forte seca que se abateu até esta última quarta-feira (25) sobre o sul do país trouxe novas perdas ao trigo brasileiro, após os efeitos das geadas no Paraná e parte de Santa Catarina. Mesmo assim, no Paraná, até meados de agosto, 61% das lavouras ainda apresentavam boas condições, 27% estavam regulares e 12% ruins. No Rio Grande do Sul, o quadro é de expectativa para se verificar em quanto o retorno das chuvas poderá recuperar os trigais. Cerca de 6% das lavouras gaúchas estavam em floração no início desta semana.

Daqui em diante, novas geadas no sul do país, assim como chuaradas no momento da colheita, tendem a trazer prejuízos severos ao trigo.

Por enquanto, a iniciativa privada ainda espera uma colheita final brasileira entre 7,5 a 7,9 milhões de toneladas, o que seria um recorde histórico. (cf. Safras & Mercado) A questão é contabilizar o quanto o clima, mais uma vez, já prejudicou as lavouras e ainda o quanto poderá prejudicá-las até a conclusão da colheita.